

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO – COGEAE
Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

JAMILE JARUCHE

A CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO NA PIADA

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO – COGEAE
Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa

JAMILE JARUCHE

A CONSTRUÇÃO DO PRECONCEITO NA PIADA

Monografia apresentada no Curso de Especialização *Latu Sensu* em Língua Portuguesa, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, orientação do professor Dr. Luiz Antonio Ferreira.

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço esse trabalho a Deus, em primeiro lugar.

À minha família, além da minha psicopedagoga Augusta Paranaíba, que sempre me apoiaram.

Ao professor Luiz Antonio Ferreira, meu orientador, pelas observações valiosas.

Aos professores do Curso de Especialização em Língua Portuguesa, pelos ensinamentos ao longo do Curso.

E à Prof.^a Dr.^a Karlene do Socorro da Rocha Campos, que sempre esteve à disposição para auxiliar na criação e no andamento desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tematiza o preconceito nas piadas, chistes e anedotas sob a perspectiva linguística e objetiva verificar como os elementos linguísticos contribuem para a criação e manutenção de ideias preconceituosas na construção textual humorística. O trabalho revisita os estudos relativos ao humor e às características formais dos gêneros humorísticos selecionados, sobretudo os trabalhos de Possenti (1998, 2010), Bakhtin (1999 apud MUNIZ, 2004), Borges (2016), Persona (2010), Ferreira (2014) e Fonseca (1994, 2014). A análise comprova a importância fundamental dos substantivos e adjetivos como molas propulsoras para a constituição do preconceito em textos humorísticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – SOBRE O HUMOR E O PRECONCEITO	8
1.1. Anedota, chiste e piada	8
1.2. Sobre o Humor e Linguística	13
1.3. Sobre o preconceito	14
CAPÍTULO 2 – SOBRE O GÊNERO PIADA	19
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	27
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema a construção do preconceito presente no gênero piada e visa responder a seguinte pergunta: quais elementos linguísticos estão presentes significativamente na construção do preconceito no gênero piada?

Objetiva-se contribuir para os estudos de leitura em língua portuguesa, sobretudo para o desenvolvimento da compreensão do ambíguo, do implícito e do pressuposto na construção do risível.

Quanto aos objetivos específicos, nossa meta é identificar piadas cujo sentido produzido indique preconceito, além de verificar quais elementos linguísticos estão presentes na construção do preconceito no gênero piada.

Acreditamos que este estudo poderá auxiliar o professor na sala de aula, pois o aluno lida em seu cotidiano com gênero piada e, por já conhecer essa espécie de texto, pode interessar-se mais pelo conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa.

Para o alcance dos objetivos propostos, realizamos, inicialmente, um levantamento dos estudos que tinham como tema a piada. Posteriormente, selecionamos piadas cujo teor foi identificado como preconceituoso. Para identificar esse teor, valemo-nos da determinação de termos preconceituosos, tais como expressões ou termos adjetivos (ex: serviço de preto, burro quando ligado a portugueses); advérbios (ex: infelizmente, muito), entre outros elementos lexicais.

Em seguida, procuramos realizar a análise de dez piadas, retiradas de sites da internet e de livros de estudiosos que se ocuparam do estudo da piada, a fim de verificar quais são os elementos linguísticos responsáveis pela explicitação do preconceito.

Empenhamo-nos em demonstrar como os resultados obtidos podem ser organizados de modo a contribuir para um processo de ensino e aprendizagem mais significativo.

Para o alcance do objetivo sugerido, pautamo-nos nos estudos de Ferreira (2014), Possenti (1998, 2010), Bakhtin (*apud* MUNIZ, 2004) e Fonseca (1994, 2014).

Para Possenti (1998), o humor é um campo vasto para ser estudado, ainda que nem todos linguistas o considerem em suas pesquisas.

Este trabalho organiza-se em três capítulos. No capítulo 1, dissertamos sobre a construção do humor e do preconceito em textos de língua portuguesa; no capítulo 2, explicitamos os aspectos constitutivos do gênero piada e no capítulo 3 apresentamos os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1 – SOBRE O HUMOR E O PRECONCEITO

Neste capítulo, conceituaremos o que é humor e explicitaremos as características do chiste, da anedota e da piada. Posteriormente, determinaremos quais as diferenças entre esses gêneros. Depois, abordaremos o preconceito de modo geral e a forma como se constitui nas piadas consideradas preconceituosas. Para fundamentarmos nossas observações, embasamo-nos, principalmente, nos estudos de Possenti (1998, 2010), Bakhtin (1999), Persona (2010), Ferreira (2014) e Fonseca (1994).

1.1. Anedota, chiste e piada

No Dicionário Caldas Aulete Digital¹ a anedota é: “1. Historieta engraçada sobre fato real ou imaginário; [...]; 3. P.ext. Piada, chiste”. O Dicionário Aurélio², por sua vez, determina a anedota como “breve narração de caso verídico pouco conhecido; o chiste”.

No mesmo dicionário Caldas Aulete¹, chiste³ é definido como “1. Dito humorístico e sagaz; gracejo; facécia”; 2. Humor, graça, esp. o que se manifesta por palavras espirituosas”. O Dicionário Aurélio⁴ por sua vez o define como sendo “chiste: 1. Graça; facécia; pilhéria”.

Já a piada, é delineada no Dicionário Caldas Aulete⁵ como: “1. Dito ou pequena história espirituosa e/ou engraçada; anedota; chiste; pilhéria; [...] 3. Dito picante ou obsceno que provoca risos”; [...]. Enquanto pelo Dicionário Aurélio⁶ é: “2. Dito engraçado, dichote[...]”.

Como podemos observar, os dicionários acima mencionados não parecem fazer distinção entre anedota, chiste e piada, tomando-os como termos sinônimos.

¹ In: <<http://www.aulete.com.br/anedota>>, acesso em: 12 jul. 2017.

² In: <<https://dicionariodoaurelio.com/anedota>>, acesso em 12 jul. 2017.

³ In: <<http://www.aulete.com.br/chiste>>. Acesso em 12 jul. 2017.

⁴ In: <<https://dicionariodoaurelio.com//chiste>>. Acesso em 12 jul. 2017.

⁵ In: <<http://www.aulete.com.br/piada>>. Acesso em 12 jul. 2017.

⁶ In: <<https://dicionariodoaurelio.com/piada>>. Acesso em 12 jul. 2017.

Entretanto, faz-se necessária uma distinção entre esses termos, assumida por autores como Borges (2016), Persona (2010) e Possenti (1998, 2010).

Analisando os textos de Borges (2016) e Persona (2010), verificamos uma diferença entre piada e anedota: para Borges, a piada é uma breve história com final surpreendente, que provoca risos nos ouvintes. Já a anedota apresenta uma pequena narrativa de duplo sentido, podendo ou não causar gargalhadas. Em seguida, apresentamos um exemplo de piada e de anedota:

Piada⁷

Caçador abatido

Dois caçadores caminham na floresta quando um deles, subitamente, cai no chão com os olhos revirados. Não parece estar respirando.

O outro caçador pega o celular, liga para o serviço de emergência e diz: "Meu amigo morreu! O que eu faço?": Com voz pausada, o atendente explica: "Mantenha a calma. A primeira coisa a fazer é ter certeza de que ele está morto".

Vem um silêncio. Logo depois, se ouve um tiro.

A voz do caçador volta à linha. Ele diz: "OK. E agora?"

Anedota⁸

James Bond na escola

O miúdo chega da escola muito exaltado:

- Mamã, mamã! Lá na escola chamam-me James Bond.
- Amanhã vou falar com o director! – Diz a mãe visivelmente chateada.

E diz o miúdo:

- Não, mamã! Essa é a minha missão...

⁷ Piada retirada de <<http://enciclopediadepiadas.blogspot.com.br/2016/08/qual-diferenca-entre-piada-e-anedota.html>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

⁸ Anedota retirada de <<http://www.anedotadodia.net/anedotas/curtas/james-bond-na-escola>>. Acesso em: 24 out. 2017.

Assim, nota-se que a anedota (*James Bond na escola*) é um conto que se refere a uma história pessoal, ligada a experiências vividas pelo narrador ou por personagens próximos a ele. Já a piada (*Dois caçadores*), é bastante conhecida no discurso do senso comum e não está ligada intimamente ao narrador.

Persona (2010) alerta quanto ao uso de piadas durante palestras: por serem politicamente incorretas e preconceituosas, devem ser evitadas a todo o custo. Já anedotas e chistes que fazem parte do cotidiano e envolvem características pessoais podem ser usados como um momento de descontração, motivando os interlocutores a se envolverem mais com o assunto abordado. A anedota, um dos temas do palestrante, é um fato corriqueiro que tem algo sobre vida pessoal ou de alguém muito próximo a ele, então a chance de a audiência ter algum conhecimento dessa história é quase nula, ele de todo modo enfatiza que o orador deve saber contar “bem” a estrutura de humor.

Possenti (1998) crê que as piadas podem ser consideradas “peças linguísticas” no caso, textos de piadas. O autor trata de técnicas de Freud (1905) e cita uma de Veríssimo, aqui iremos enfatizar nas técnicas citadas de Freud (1905) por Possenti (1998), uma delas é o duplo sentido, as outras citadas pelo Possenti são a condensação e o deslocamento.

O duplo sentido ocorre na ocasião em que uma frase ou palavra pode ter mais de um significado, por exemplo, quando falamos de manga, nós precisamos de um contexto, um texto oral ou escrito para sabermos se a manga é uma fruta ou a parte de uma camisa.

A condensação ou abreviação consiste em um método que objetiva evitar a relação “entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente⁹”. O conteúdo manifesto¹⁰ faz referência aos elementos que conseguimos nos lembrar dos sonhos que tivemos e o conteúdo latente relaciona-se às intenções inconscientes do sonhador. Como exemplo, vemos a seguir duas amostras citadas por Freud.

⁹ In: MALISKA, Maurício E.; SOUZA, Silvana C. L. Sobre o humor: um diálogo entre Freud e Possenti, 2012, p. 2.

¹⁰ In: <<http://psicoativo.com/2015/12/o-que-e-conteudo-manifesto-sonhos-freud.html>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

Exemplo 1:

Heine introduz a deliciosa figura do agente de loteria e calista hamburguês, Hirsch-Hyacinth, que se jacta ao poeta de suas relações com o rico Barão Rothschild, dizendo finalmente: E tão certo como Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um seu igual – bastante familionariamente.

Neste chiste se condensa os vocábulos familiar e milionário.

Já o deslocamento revela-se de duas maneiras: na primeira se utiliza de uma alusão, uma menção indireta a algo ou alguém, e a segunda é modificada de um elemento, teor significativo para um banal.

Exemplo 2:

Um indivíduo empobrecido tomou emprestado 25 florins de um próspero conhecido seu, após muitas declarações sobre suas necessidades circunstâncias. Exatamente neste mesmo dia seu benfeitor reencontrou-o em um restaurante, com um prato de maionese de salmão à frente. O benfeitor repreendeu-o: ‘Como? Você me toma dinheiro emprestado e vem comer maionese de salmão em um restaurante? É *nisso* que você usou o meu dinheiro?’. ‘Não o compreendo’, retrucou o objeto deste ataque; ‘se não tenho dinheiro, *não posso comer* maionese de salmão; se o tenho, *não devo comer* maionese de salmão. Bem, quando *vou* então comer maionese de salmão? (grifos do autor).

Aqui, o elemento banal que se torna algo significativo é o dinheiro emprestado para o homem que como maionese de salmão.

No entanto, retomando o conceito dado por Possenti, não podemos pensar na construção das piadas apenas como peças linguísticas, uma vez que vários são os modos de representar e comunicar uma mensagem, em que diferentes linguagens se articulam. Por exemplo: modo falado, escrito, visual, auditivo, audiovisual.

Além do mais, a piada é comumente non bona fide, ou seja, não se refere a “realidades” do mundo, não é um enunciado para ser levado ao pé da letra, no sentido comum dessa locução (POSSENTI, 2010, p.63).

Para Possenti (1998), uma piada é um assunto singular de texto chistoso com “gatilho” final – o mesmo exigido para evidenciar o traço ambíguo da situação em

questão. Se não compreendemos a piada, é por falta de atenção, conhecimento ou interesse.

Quanto à distinção entre piada e chiste, esta é apresentada por Conde (2005, p. 22):

A piada é um gênero textual/discursivo, o que significa dizer que apresenta uma forma definida, convencionalizada, relacionada com uma expectativa de forma e modos de significação específicos, o que implica o seu caráter essencialmente repetitivo, i.e., pode ser contada e recontada, por indivíduos distintos em diversas situações comunicativas. O chiste, ao contrário, pode ser recontado, mas nunca repetido, pois o chiste é um evento único; está intimamente associado à noção de enunciado proposta por Bakhtin (1921), ou seja, o chiste está vinculado a uma determinada situação contextual singular; aliás, é esta que determina o seu surgimento. O chiste é um exercício de inteligência e sagacidade, que um indivíduo realiza sobre os equívocos da língua, sobre uma situação específica visando o riso.

Como podemos observar, a principal diferença entre piada e chiste refere-se ao fato de que a piada pode ser recontada e repetida em situações diversas, enquanto o chiste perde sua função se repetido ou recontado em outros lugares.

Em relação à piada com preconceito racial, para Fonseca (2014, apud Sant Anna, 2013, p. 47):

A piada não exprime meras bobagens, destituídas de quaisquer preconceitos, pois retrata um teor antidemocrático ao universo social, quando evoca uma falsa verdade. [...] A piada não é uma história inocente, inventada apenas para ser um passatempo lúdico que alimenta despreocupadamente um preconceito etnoracial, discreta especialmente por, ao provocar o riso, ela dissimula e descontraí os possíveis conflitos e o mal-estar entre os emissores e os receptores da mensagem, como brancos e negros, neste caso.

1.2. Sobre o Humor e Linguística

O humor é tido como o que faz rir para muitos autores. Trata-se de um aspecto cultural, como outros tantos assuntos o são, como os comportamentos e todas outras coisas. Para tratarmos do humor, embasamo-nos em Possenti (1998; 2010), Ferreira (1994, 2014) e Fonseca (1994).

Possenti (1998, p. 49) afirma que “O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica [...]”. Ele crê que é desnecessário dizer que o humor é cultural, visto que não é apenas ele e sim todas as coisas (comportamentos, outros tipos de textos, etc.) que o são: “O humor é cultural, mas o é apenas no sentido de que tudo o é.” (POSSENTI, 2010, p.139).

Possenti (2010, p. 175) apoia o fato de que, como a literatura, o humor também pode abordar diversos gêneros, “da comédia à charge, passando pelas “crônicas”, narrativas, tiras, estórias em quadrinhos, piadas e vários outros tipos de textos (por exemplo: pseudoaforismos, provérbios modificados), stand up comedies (comédias em pé), programas de rádio e televisão etc.)

Procurando explicar linguisticamente o humor, Possenti (1998) destaca o fato de não haver uma espécie de linguística do humor. Há, de fato, áreas da Linguística que têm a habilidade de oferecer recursos para um bom trabalho não só desse tipo de texto, mas também dos não humorísticos:

Na verdade, não faria sentido propor uma linguística do humor. Se a linguística [...] for razoavelmente boa, deve servir para análise de diversos tipos de manifestação da linguagem [...]. Em suma, não existe uma linguística do humor. No máximo, existem linguistas que trabalham eventualmente sobre ou a partir de dados colhidos em textos humorísticos. Com estes dados, podem-se discutir sintaxe, morfologia, fonologia, regras da conversação, inferências, pressuposições etc. Tudo isso poderia, evidentemente, ser discutido também com textos não humorísticos [...] (POSSENTI, 1998, p. 21).

Ainda, destaca Possenti (2010), que os textos humorísticos (em especial as piadas) obrigam, ou melhor, “fazem de conta” que obrigam uma leitura literal e composicional dos idiomatismos, que são construções frasais particulares de uma língua, (por exemplo, saudade é um termo que só existe no português do Brasil). Na verdade, não é necessária uma leitura literal desses textos, já que as piadas geralmente fazem o leitor ou interlocutor compreender o texto, ou fala conforme com uma ideia, mais tarde, comumente na última frase se descobre que o sentido anterior nada tinha a ver com o humor, mas uma outra ideia completamente diferente.

O autor diz que “fazem de conta” porque, como já mencionamos, “uma piada é comumente “non bona fide, isto é, não diz respeito a “realidades” do mundo, não é um discurso para ser levado “a sério”, no sentido típico dessa expressão”, ou seja, fingir ou imaginar (Possenti, 2010, p. 63).

O humor, de acordo com Bakhtin (1999, apud MUNIZ, Kassandra, 2004), ocorre por meio da “quebra de regras” (que pode ser a incoerência do que se está falando ou escrevendo). Eco (apud MUNIZ, Kassandra, 2004) discorre sobre normas que são transgredidas no humor, embora sejam diferentes das de Bakhtin).

Podemos verificar, com base nas definições anteriores, que o humor é multifacetado, bastante geral e abrangente, podendo ser cuidadosamente apresentado por diversas áreas, como a Sociologia, Antropologia, Psicologia, etc. Em conformidade com Travaglia (1990, p. 57-64), não é tarefa simples separá-las, já para o campo de estudos do humor é “necessariamente multi e interdisciplinar”. Assim, o autor acrescenta que [...] as muitas abordagens acabam unindo-se, ou sendo contrárias do significado de multifacetado e se torna difícil se empenhar dentro de uma abordagem (visão de uma face) sem tocar, assimilar ou levantar fundamentos de outra.

1.3. Sobre o preconceito

Em virtude da necessidade de delimitarmos nossa pesquisa, nesta seção abordaremos aspectos de preconceito racial entre brancos e negros, que são os preconceitos presentes nas piadas que iremos analisar no capítulo 3 deste trabalho.

Foram utilizados a dissertação intitulada “A piada: discurso sutil da exclusão, um estudo do risível no “racismo à brasileira”” e o livro de título “Você conhece aquela?” (Fonseca, 1994 e 2014, respectivamente), que sumariamente são excertos de textos dos quais extraímos a maior parte das informações sobre o tema preconceito racial.

O preconceito, de acordo com o Dicionário Caldas Aulete, é: “1. Opinião ou ideia preconcebida sobre algo ou alguém, sem conhecimento ou reflexão; prejulgamento; [...]”. Já no Dicionário Aurélio é: “Ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial [...]”.

Pinsky (1993, *apud* Fonseca, 1994) reitera que o preconceito pode estar suavemente escondido na conversa cotidiana, ou em outras ocasiões sociais supostamente insignificantes e sem compromisso, não é “‘simples bobagem’, ela é extremamente desonrosa e antidemocrática, além de autoritária e preconceituosa. Tem de ser impreterivelmente defrontada não apenas por ser mentirosa, não ter fundamento histórico ou biológico algum, ademais estimular a repudiar da “prática da cidadania” todas as pessoas que se não se encaixam onde a “superioridade” se enquadra e talvez por isso o preconceito espalha.

Fonseca (1994, 45) destaca que a discriminação racial escondida nas conversas sociais “adquire um *status* de verdade, perpetuando estereótipos e preconceitos”.

Um dos autores que serviram de referência para apoiar esta ideia é Arnold M. Rose (1972), para quem a ignorância facilita a manipulação das pessoas, levando-as a se submeterem a situações, muitas vezes, constrangedoras. Para o autor, o preconceito:

Resulta do que procede: a) a ignorância provém tanto da ausência de conhecimentos, como das idéias falsas; b) que a ignorância não faz nascer o preconceito, mas condiciona seu desenvolvimento em graus diversos conforme o grupo de que se trata. Quando a ignorância representa um papel importante no aparecimento dos preconceitos, estes poderão ser eficazmente combatidos pela informação, que virá completar a falta de conhecimentos ou combater as idéias falsas. A

informação não só ataca diretamente uma das causas do preconceito, mas também priva de uma parte do efeito da propaganda de exploração. (p. 45-46).

De acordo com Fonseca (1994), as piadas aditam a visão padronizada dos negros, brancos... que costuma ser discriminatória, marginalizada, estigmatizada e as vezes criminalizam os negros ou outros tipos de pessoas. Essas piadas são reproduzidas pelo inconsciente coletivo com uma força, que por sua vez, acentua que o branco ou outros grupos são raças superiores. Porém a piada também incentiva a denúncia e a suplantação como indica um poema da sabedoria popular negra:

Branco diz que preto furta. Preto furta e com razão; sinhô branco também furta, quando faz a escravidão.

Ainda segundo Fonseca (2014, p. 51-60) “ao provocar o riso, a piada dissimula e descontra os possíveis conflitos e mal-estar entre os emissores e os receptores da mensagem”. No caso dessa pesquisa deste autor se refere sobre negros e brancos.

Em síntese, a piada “conta uma versão que desconfigura o sujeito-objeto central de sua mensagem”. Esse pesquisador afirma que a mensagem passada pela piada é fomentada pela “ideologia hegemônica” de um dado tempo, sendo real. A piada apenas provoca riso se houver “identificação e assimilação no tecido social” e o riso proveniente da piada produz uma “relação de empatia entre o emissor e o receptor” do discurso”.

Esse riso:

pode caminhar no interior de um círculo tão amplo quanto se queira, mas, ainda assim, sempre fechado. O nosso riso é sempre um riso de grupo. [...] deve corresponder a certas exigências da vida em comum. O riso deve ter uma significação social. (BERGSON, 1983, p. 13 apud FONSECA, 2014, p. 60)

Insta mencionar que Fonseca (2014) defende que algumas nações desenvolvem a piada como maneira de rir de si diante dos desgostos do cotidiano, analogamente esta conduta não é usual entre os negros. Ao narrar as piadas, tem o propósito de exorcizar, decodificar e subverter o que seu conteúdo carrega, assim como “o fortalecimento de seu espírito – aviltado por séculos de repressões materiais e simbólica”. p.64

Logo, nos remetemos ao texto de Millôr Fernandes (1988) em “Ainda sobre o racismo”:

... reparem bem, vocês já viram portugueses contando piadas de português, é comuníssimo judeu contar piada de judeu, mas eu, pelo menos, não me recordo de negro contando piada de negro. A explicação me parece simples; a piada sobre português (burrice) ou sobre judeu (principalmente argentarismo) é perfeitamente assimilável. A sobre negro (vagabundo, ladrão, primata) é dolorosamente ofensiva, humilhante, não assimilável pelos sem trocadilhos, alvos. Com a palavra teólogos, psicólogos, antropólogos e demais ociólogos. (p. 171)

Existe ainda um tipo de preconceito recente nas piadas, a discriminação contra loiras, que nem loiras são, em geral são morenas que querem ser loiras.

Essas piadas definem as loiras como burras ou sexualmente disponíveis e, aparentemente é mais nocivo ser chamada de burra ou ignorante do que ser considerada infiel ou prostituta. De fato, os “sábios” desde a antiguidade repercutem que as mulheres são tanto inferiores aos homens como fontes de pecado. (p. 47-8)

Possenti (2010) define as piadas contra loiras eram um tipo de vingança das morenas, mas há outras possibilidades interpretativas: piadas machistas, que fazem os homens se sentirem oprimidos pelos enormes sucessos das mulheres no meio social e profissional. Elas, além de tomarem seus lugares no trabalho, também “ferem suas mais profundas convicções ideológicas relativamente aos respectivos lugares de um e de outro sexo”.

Em conformidade com o autor, essa fala não passa de manifestação requentada da velha diferenciação “entre inteligência masculina e a sensibilidade (no máximo) feminina...” (p.48).

Possenti (2010) pergunta: como elas alcançam tanto sucesso se são burras? “Reza a lenda” que as loiras apenas têm êxito como consequência do famoso “teste do sofá”, ou do sexo, e não por mérito próprio.

CAPÍTULO 2 – SOBRE O GÊNERO PIADA

Vale ressaltar que para Bakhtin (1999), o gênero é uma forma relativamente estável de enunciado que tem três características: a estrutura composicional que é uma estrutura formal; o conteúdo temático é o que se refere genericamente ao tema e, o estilo que é a forma individual de escrita.

A estrutura composicional é o acabamento e a organização da totalidade do enunciado, relacionada à estruturação aparência e à forma de acabamento do texto. Por exemplo, faz parte da estrutura composicional a tipologia textual, que consiste em como o texto se apresenta, e é facilmente identificada pela estrutura bem definida, por uma sequência de natureza linguística da composição em questão, isto é, relaciona-se com a estruturação da língua, definida por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempo verbal.

São cinco as tipologias existentes: a narração, a argumentação, a injunção (imposição), a exposição e a descrição. A argumentação, também caracterizada por dissertação, é um tipo de texto de opinião, desenvolvido através de alegação, que visa convencê-lo aos raciocínios apresentados. Os gêneros que se apropriam da estrutura dissertativa são: ensaio, carta argumentativa, dissertação, editorial etc.

As sequências injuntivas têm como objetivo instruir e orientar o leitor, comumente com verbos no imperativo, no infinitivo ou presente do indicativo, sempre utilizando o sujeito indeterminado. Os gêneros injuntivos são manuais de instruções, receitas culinárias, bulas, regulamentos, editais, códigos, leis etc.

O texto expositivo tem por finalidade apresentar informações sobre um objeto ou fato específico, numerando seus atributos por meio de uma linguagem clara e concisa. Os gêneros de estrutura expositiva são: reportagem, resumo, fichamento, artigo científico, seminário etc.

As sequências descritivas têm por objetivo descrever objetiva ou subjetivamente as coisas, pessoas ou situações. Os gêneros que se ocupam da estrutura descritiva são: laudos, relatórios, atas, guias de viagem etc., podem ser encontrados em textos literários por meio da descrição subjetiva.

Enfim, o que nos interessa aqui é a sequência narrativa, cujo objetivo é contar uma história, fictícia ou não, com personagens, foco narrativo, ou ponto de vista do narrador, clímax, desfecho, entre outros elementos. Os gêneros narrativos são: piadas, contos, crônicas, fábulas, romances, biografias etc.

O conteúdo temático não se refere apenas a um tema padronizado (o tópico predominante sobre o qual se conversa ou escreve), ou, num enunciado, a orientação argumentativa e sua significação. Este se refere ao conteúdo embasado em uma apreciação de valor, ou na avaliação que o autor, falante ou o locutor lhe comunica. Assim, o conteúdo temático não é o assunto em si, mas abrange as diferentes atribuições de sentidos e seus recortes possíveis para um dado gênero do discurso.

Possenti (2010, p. 103) aborda a piada como gênero, no sentido bakhtiniano, ou seja, tem os três aspectos mencionados anteriormente.

A seguir procuramos explicitar como a construção composicional, o conteúdo temático e o estilo podem ser identificados em um texto popular, neste caso, uma piada:

Exemplo 3:

A portuguesinha de 10 anos vai pescar com o pai e volta com o rosto todo inchado. A mãe assustada, pergunta:

- Minha filhinha, que houve?
- Foi um marimbondo mamãe...
- Ele te picou?
- Não deu tempo. O papai matou ele com o remo.

Analisando a piada, a estrutura composicional está ligada a estrutura formal, o modo como o texto se originou. Em concordância com a tipificação, podemos dizer que esta é uma narração.

Para Raskin (1985, p. 81), os *scripts* pressupõem dois sentidos para a pequena narrativa: o primeiro sentido se mantém durante quase todo o texto e o segundo que se descobre na última frase, causa a quebra de expectativa.

Do ponto de vista do script 1 tem a menina saindo para pescar com o pai e no script 2 tem a menina voltando para casa com o rosto inchado.

No conteúdo temático, o tema é a ignorância, e o humor sempre se dá no final, num diálogo ou narrativa. Assim, o estilo em uma piada é, na maioria das vezes composto de uma linguagem informal.

Bakhtin refere-se aos gêneros como socialmente tipificados, isso significa que cada esfera social move-se por meio de um apanhado de gêneros (orais, escritos, informais, formais), primários ou secundários, que traduzem aquela realidade social.

Os primários são relativos às situações cotidianas, como conversas entre amigos e familiares. Os gêneros secundários são mais elaborados, frequentemente ligados à escrita, como o teatro, romance e discursos científicos. Outro ponto importante para Bakhtin é a natureza dialógica do gênero, ou seja, os textos conversam entre si havendo interação entre os gêneros.

Pode-se dizer que diferentes realidades sociais possuem diferentes peculiaridades linguísticas por sua temática, estilo verbal e construção composicional, por exemplo: não nos comunicamos em um bar com os amigos da mesma forma que nos comunicamos com nosso superior hierárquico no trabalho.

Bakhtin (1999) declara que as dialéticas dos gêneros do discurso traduzem a realidade da comunicação dos povos e, pelo seu contexto e forma, podem ser extraídos elementos sociais e históricos de uma nação, uma vez que a comunicação é o elemento central de expressão em uma sociedade. Dessa forma, a análise dos tipos de gênero revela uma realidade social, econômica, política, ideológica e histórica de uma sociedade.

Os gêneros do discurso, por se tratarem de tipos relativamente estáveis de enunciados, possuem um importante papel no contexto sócio-histórico. Isso porque, os enunciados dizem respeito à comunicação em seu sentido mais amplo, abrangendo aspectos temáticos de linguagem, de estilo e de construção composicional.

Em conformidade com Fiorin (2006) nos comunicamos por gêneros seja de modo oral ou escrito. Os gêneros são meios de aprender a existência, como modos

inovadores de enxergar e conceituar a vida, implicam a manifestação de novos gêneros e a alteração dos anteriormente existentes.

Mas, Raskin (1985, p. 99) acredita que é possível dizer que as piadas constituem um gênero, caso assumirmos como referência os dados fundamentais caracterizados por Bakhtin: “um texto que se relaciona a uma esfera, tem uma construção composicional e um estilo” e um conteúdo temático (Bakhtin, 1979, apud POSSENTI, 2010, p.103).

Conforme Bakhtin (1929, 1979) O tema é mais que somente o tópico predominante, assunto ou conteúdo temático de um texto. Este é o conteúdo embasado em uma apreciação de valor, ou na avaliação que o autor, falante ou o locutor que lhe comunica.

É o elemento mais importante do texto ou do enunciado: um texto é todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema irrepitível em outras circunstâncias. O tema é o sentido de um dado texto/discurso tomado como um todo, “único e irrepitível”, justamente porque se encontra viabilizado pela apreciação de valor do locutor no momento de sua produção. É pelo tema que a ideologia circula. (Rojo, Roxane. Glossário Ceale, S/ d.)

Bakhtin acrescenta que assumir que o tipo de texto, que em geral classificamos como piada [...] consiste em um gênero, não é dizer que é fácil categorizar piadas nem que todas elas dependem de um mesmo padrão.

Raskin (1985), por sua vez ressalta que o gênero piada se pauta geralmente em dois *scripts*. Por exemplo:

Exemplo 4:

Na viagem, a mãe ajuda a filha, que está enjoada. O cavalheiro ao lado pergunta:

- Foi comida?

- Foi, mas vai casar, responde a mãe

No caso desta piada:

A esfera pode ser uma viagem de navio, de trem, de ônibus etc.

Em relação aos scripts, segue abaixo:

Script 1: Comida: significa algo para se comer, refeição.

Script 2: Comida: pessoa com que teve relações sexuais de maneira passiva, digamos, (esse *script* tem linguagem mais vulgar e pode ser considerado ofensivo em determinados contextos).

Assim, entendemos que o gênero piada pretende provocar o riso pela surpresa no final do texto, que o causa por ser incoerente à maior parte dele. Como qualquer texto, a piada e a anedota possuem textualidade que, segundo Koch (2009) e Marcuschi (2008), com base em Beaugrande e Dressler, são: a intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, coesão, coerência, intertextualidade e a situacionalidade

A intencionalidade é observar o objetivo que está na superfície do texto. Já a informatividade, em suma, se refere ao grau de expectativa ou falta dela, de conhecimento ou não até mesmo da incerteza da verdade do texto ofertado.

A aceitabilidade se relaciona ao comportamento do destinatário do texto que recebe o texto como uma maneira aprovável apresentando-se coeso e coerente, isto é, relevante e compreensível.

A coesão se refere às relações sequenciais determinadas no texto. Enquanto a coerência, em concordância com Beaugrande e Dressler (1981), concerne aos conceitos relações contidas no texto de superfície reciprocamente disponíveis e pertinentes entre si, contribuindo para a organização dos sentidos. “A intertextualidade subsume as relações de um texto com outros textos relevantes encontrados anteriormente” (Marcuschi p.129).

A piada, como ocorre em qualquer gênero, sustenta-se em um dos elementos da textualidade. A situacionalidade, por exemplo, pode determinar o uso adequado dos registros de linguagem. Em um exemplo anterior, citamos a comunicação em um bar (situação 1), que é informal e completamente diferente de uma situação em que se

está em uma comunicação formal (situação 2), na qual, dentre outros fatores, temos o comportamento dentro de um ambiente de trabalho, que requer o uso de uma linguagem mais formal.

Sobre situacionalidade, Koch (2009) explica que esse aspecto pode ser observado em duas vertentes: da situação para o texto e do texto para a situação. Essa afirmação pode ser observada por dois aspectos. O primeiro deve ser considerado devido aos fatores que tornam o texto relevante para uma dada situação comunicativa. Dessa forma, fatores como contexto sócio-político-cultural, regras de polidez, opções de formalidade, variedade linguística, tratamento a ser dado ao tema fazem parte da situação para o texto.

O que nos interessa, o segundo sentido, que parte do texto para a situação, faz referência a que, na produção textual, o texto é reorganizado em concordância com as vivências, experiências, propósitos, objetivos, convicções, crenças, isto é, o modo de ver o mundo do enunciador. Cabe ao interlocutor, diante desses fatores, fazer a interpretação em conformidade com seus propósitos e perspectivas.

Para Marcuschi (2008) a situacionalidade é o modo como se relaciona o evento textual à situação (ambiente, social e cultural). O autor garante que o contexto não serve somente para a interpretação do texto, mas para nortear a elaboração dele. Para o professor:

a situacionalidade é um critério estratégico, dado que “pode ser observada como um critério de adequação textual, ou melhor, uma estratégia que permite tornar um texto coeso e coerente adequando-o à situação que se encontra, levando-se em consideração a intenção do enunciador, objetivos, destinatários, regras socioculturais, recursos linguísticos e outros elementos da situação. (Andrade e Penedo, 2016, p. 5)

A seguir apresentamos um quadro que sumariza as informações sobre piadas, anedotas e chistes em concordância com a classificação bakhtiniana:

	Piada	Anedota	Chiste
Estrutura composicional	De acordo com Muniz a piada é definida pela sequência narrativa. Essa sequência é caracterizada pelo enredo (assunto do texto), narrador, personagens, espaço e tempo. Costuma ser mais breve que os outros gêneros.	A narração é definida pela apresentação, complicação e o desfecho. Envolve um narrador, personagens, espaço e tempo.	A narração é caracterizada pela apresentação, complicação e o desfecho. Envolve um narrador, personagens, cenário e tempo. Também é breve. Para haver chiste é preciso haver riso
Conteúdo temático	Assuntos polêmicos ou estereótipos (politicamente incorreta e preconceituosa). É intencional.	Fatos cotidianos.	Não é intencional. Pode ser um lapso – quando alguém diz algo que não deveria e sente envergonhado.
Estilo	Fortemente definido pelo modo informal e jocoso Marcado por gírias.	Informal.	Faz parte de conversa informal.
Propósitos/ objetivos	Fazer rir	Fazer rir	Fazer rir

Como podemos observar, em relação à estrutura composicional, os três gêneros mencionados constituem-se da tipologia narrativa, os propósitos e o estilos são os mesmos. Apenas o conteúdo temático se difere entre os três gêneros. A piada, além

de tratar de temas polêmicos, tem a intenção de provocar o riso; a anedota aborda fatos cotidianos e o chiste não é intencional.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

No presente capítulo apresentamos, em um quadro explicativo, os elementos fundamentais das piadas selecionadas para análise: como substantivos e adjetivos, relações estabelecidas entre as palavras contidas nas piadas e os efeitos produtores de preconceito:

Piada	Elementos linguísticos que geram preconceito	Relações estabelecidas entre essas palavras	Efeitos do preconceito
<p>a) O padre perguntou a uma menina de 12 anos o que ela queria ser quando crescer e ela responde:</p> <p>-Prostituta!</p> <p>O padre:</p> <p>-O que???</p> <p>A menina:</p> <p>- PROSTITUTA, seu padre...</p> <p>-Ainda bem! Pensei ter ouvido PROTESTANTE!</p>	<p>Prostituta</p> <p>Protestante</p>	<p>Padres/membros do clero têm preconceito contra protestantes.</p> <p>Além disso, apesar existe o preconceito feito por pessoas/ comunidades contra o protestantismo.</p> <p>O substantivo feminino prostituta é pejorativo, isto é, fere a honra da mulher, e seria em tese mais grave do que o substantivo masculino protestante.</p>	<p>Achar que é melhor ser prostituta do que protestante.</p> <p>O preconceito em relação à religião está bem disseminado no mundo atual, não só com a religião protestante, mas com todas.</p>
<p>b) Na hora do almoço, a madre superiora anuncia:</p>	<p>Irmãs = freiras</p> <p>Bananas</p>	<p>A relação das bananas com as freiras é subjetiva, à medida que está se</p>	<p>As freiras são libidinosas</p>

<p>- Irmãs, hoje teremos bananas de sobre-mesa!!</p> <p>- Ehhhhhhhhhh! Vibram as freiras.</p> <p>- Em rodela!</p> <p>E as freiras, decepcionadas</p> <p>- Ahhhhhhhhhhh!!!</p>		<p>dá pela interpretação da piada. Nesse caso, a banana é uma fruta que tem semelhança com o órgão genital masculino.</p> <p>O substantivo feminino freira indica uma mulher religiosa que tem como missão ser devota da religião, nas piadas, no entanto, em conformidade com Possenti, elas não lutam para manter-se castas.</p>	
<p>c) A portuguesinha de 10 anos vai pescar com o pai no lago e volta com o rosto todo inchado.</p> <p>A mãe, assustada, pergunta:</p> <p>- Filha, o que houve?</p> <p>-Foi um marimbondo, mamãe...</p> <p>- Ele te picou??</p> <p>- Não deu tempo, papai matou ele com o remo.</p>	<p>Portuguesinha</p> <p>Não deu tempo.</p>	<p>Os portugueses têm fama (pelo menos em piadas) de serem intelectualmente desfavorecidos. No caso, o pai ao invés de espantar o marimbondo com a mão ou de forma que a filha não se machucasse, matou-o com o remo que estava mais à mão.</p>	<p>O português é ignorante. Da mesma forma que o português usa o brasileiro nas piadas, talvez devido a antiga invasão dos portugueses, os brasileiros também fazem piadas com os portugueses, podendo ser uma forma de contra-atacar o português.</p>

<p>d) A loura está dentro de um barco que se encontra sobre um belo gramado verde. Ela tem um remo em cada mão e rema com muito esforço. É claro que o barco não sai do lugar. Outra loura vai passando e grita de longe:</p> <p>- É por causa de gente que nem você que falam tão mal da inteligência das louras! O que você merece mesmo é um bom corretivo! Só não vou aí te dar um cacete porque não sei nadar!!!</p>	<p>Loura</p> <p>Gente que nem você</p> <p>Falam mal das louras = burras</p>	<p>Associações ou generalizações que denigrem as pessoas com características físicas específicas (loiras, gordas, negras).</p>	<p>Associar pessoas loiras à burrice.</p> <p>Tratam-se de piadas machistas por algumas mulheres incomodarem os homens por causa do papel social que ocupam.</p>
<p>e) Manuel está tomando banho, e grita para Maria:</p> <p>- Ô Maria, me traz um xampu.</p> <p>E Maria lhe entrega o xampu. Logo em seguida, ele grita novamente:</p> <p>- Ô Maria, me traz outro xampu.</p> <p>- Mas eu já te dei um agorinha mesmo, homem!</p>	<p>Manuel = português.</p> <p>Outro shampoo</p> <p>(Cabelos) secos</p>	<p>Os portugueses têm fama (pelo menos em piadas), de serem intelectualmente desfavorecidos. No caso, Manuel não entende que o xampu é para o tipo de cabelo seco, não para os cabelos que estão secos.</p>	<p>Relacionar a nacionalidade portuguesa à burrice.</p>

<p>- É que aqui está dizendo que é para cabelos secos, e eu já molhei os meus.</p>			
<p>f) No programa humorístico “Escolinha do Professor Raimundo”, havia uma personagem (Mandala) cuja característica fundamental era ver racismo em tudo. Era, digamos assim, fruto exacerbado do movimento pelo uso politicamente correto da linguagem... Numa certa aula, diz que não estudou a lição por se tratar de uma lição racista. É que o professor lhe solicitou que estudasse o “pretérito” perfeito. E a pergunta por que é que o professor não lhe mandou estudar o “branquérito” perfeito</p>	<p>Racismo Pretérito perfeito “Branquérito” perfeito</p>	<p>A personagem Mandala entende como racista a palavra pretérito, por desconhecer que este é um tempo verbal. Daí a pergunta ao professor por que não o “branquérito” perfeito.</p>	<p>Exagero em ser politicamente correto e eliminar a relação dos negros a conotações negativas.</p>
<p>g) perguntaram a um fulano se ele era racista. Ele disse que não, só não gostava muito de alemão. Mas logo de alemão? Por quê? E ele respondeu: É que eles poderiam ter</p>	<p>Racista Alemão Judeus Serviço de preto</p>	<p>Relacionar judeus e negros em conotações negativas. São os dois povos mais injustiçados, os negros por</p>	<p>Separadas essas palavras não têm preconceito, porém ao estarem juntas e ofenderem os dois povos mais in-</p>

<p>acabado com os judeus e fizeram um serviço de preto.</p>		<p>causa da escravidão e os judeus pelo holocausto.</p>	<p>justiçados, geram humor pela quebra de expectativa.</p>
<p>h) O doador de sangue Turco</p> <p>Um turco, de sangue raríssimo, doou ½ litro de sangue para um milionário muito doente.</p> <p>Para retribuir-lhe o gesto, deu-lhe um carro 0.</p> <p>Dias depois, o milionário precisou de mais sangue, avisou ao turco que rapidamente foi ao hospital.</p> <p>Seria preciso mais um litro, o turco falou: "tira logo 3 litros". E assim foi feito.</p> <p>No dia seguinte o turco recebe uma caixa do milionário contendo 3 esfihas.</p> <p>Indignado, foi cobrar uma explicação.</p>	<p>Sangue de turco</p>	<p>O árabe ou turco nas piadas são sovinas, nesta piada se exalta a característica do turco ou árabe.</p> <p>As duas palavras, tanto árabe quanto judeu são substantivos masculinos que conotam as duas nacionalidades historicamente contrárias, que compartilham a fama de sovinas.</p>	<p>Quanto mais sangue de turco o milionário recebeu, menos dinheiro deu ao turco que doou o sangue para ele.</p> <p>As piadas sobre judeus são em sua essência sobre argentarismo conforme com Millôr Fernandes, 1985.</p>

<p>“Ora, da primeira vez doei ½ litro e ganhei um carro e da segunda lhe doei 3 litros e ganhei só 3 esfihas. Por quê? ”</p> <p>O milionário explicou: “esqueceu que agora eu também tenho sangue de turco? “.</p>			
<p>i) A loira estava feliz porque tinha completado em seis meses um jogo de armar em cuja a caixa estava escrito “de 2 a 3 anos”</p>	<p>Loira (burra)</p>	<p>Associações ou generalizações que denigrem as pessoas com características físicas específicas (loiras, gordas, negras).</p> <p>No caso, a personagem achou que a idade marcada no quebra cabeça era para ser feito em 2 ou 3 anos, e não para ser usado por pessoas dessa faixa etária.</p>	<p>Associar pessoas loiras à burrice.</p> <p>Tratam-se de piadas machistas por algumas mulheres incomodarem os homens por causa do papel social que ocupam.</p>
<p>j) O árabe e o judeu</p> <p>O árabe vai à loja do judeu para comprar su-tiãs pretos, pressentindo bons negócios, o judeu diz que são raros e poucos, e vende por 40 euros cada um.</p>	<p>Árabe</p> <p>Judeu</p> <p>Mercadoria rara</p>	<p>Tanto o árabe quanto o judeu são povos conhecidos por serem sovinas e sempre quererem mais (por exemplo: no momento o judeu diz na piada</p>	<p>Esperteza, levar vantagem, iniciar um desentendimento que perdura até hoje.</p>

<p>O árabe compra 6, e volta alguns dias depois querendo mais duas dúzias.</p> <p>O judeu diz que as peças vão ficando cada vez mais raras e vende por 50 euros a unidade.</p> <p>Um mês mais tarde, o árabe compra o que resta no estoque por 75 euros cada. O judeu, encucado, pergunta-lhe o que faz com tantos sutiãs pretos.</p> <p>Diz o árabe:</p> <p>– Corto o sutiã em dois, faço dois chapeuzinhos e vendo aos judeus por 100 euros cada.</p> <p>FOI AÍ QUE A GUERRA COMEÇOU...</p>		<p>que as peças são raras.</p>	
---	--	--------------------------------	--

Sobre as piadas “a” e “b em que as personagens são membros da igreja católica, temos: a opção profissional e a religiosa - “menina prostituta, menina protestante”. Na piada “a”, os substantivos prostituta e protestante não geram preconceito isoladamente. Entretanto, a hierarquização feita pelo padre à opção religiosa e à profissão mais antiga do mundo, gera um efeito humorístico altamente preconceituoso pela inversão de valores contidos no discurso dominante.

OPÇÃO religiosa (freira) e profissional: na piada “b” temos como interpretação que as freiras (substantivo) gostam de bananas (também substantivo, aqui metaforizado). As piadas de freiras querem levar o ouvinte a crer que as religiosas só pensam em sexo, inclusive compondo a piada com elementos fálicos, por exemplo a fruta banana, por ter um formato semelhante ao órgão sexual masculino, subentendendo que, as freiras nas piadas, não se esforçam por manterem-se castas.

Nesse sentido, o substantivo “freira”, intensificado pela frase “vontade de comer a banana”, carrega em si um valor adjetivo “banana” ao incorporar o significado semântico primeiro de freiras “esposas de Jesus”, castas e puras. O adjetivo incorporado de modo ardiloso ao substantivo, é gerador de preconceito pela difusão de ações não condizentes com o valor semântico do termo “freira”.

CONDIÇÃO GENTÍLICA: Nas piadas “c” e “e”, sobre portugueses, os substantivos estão omitidos (menina) portuguesinha, (homem) português, passam a ser adjetivos tanto portuguesinha quanto português, realçando o imaginário coletivo que os portugueses são sinônimos de pessoas intelectualmente desfavorecidas.

CONDIÇÃO FÍSICA: Na piada “d”, uma (mulher) loira briga com a outra e salienta desta forma, o imaginário coletivo: o adjetivo “loira” conota desfavorecimento intelectual, retardo, ingenuidade, inocência ridicularizada. Por sua vez, enfatiza o preconceito que acaba por solidificar um conceito, na verdade, preconceito, na ação do imaginário coletivo. A mesma estratégia é utilizada na piada “i”.

CONDIÇÃO ÉTNICA e GEOGRÁFICA: Nas piadas “f” e “g” o racismo é tematizado. Na primeira, sobre negros, a personagem não entende que o “pretérito perfeito” é um tempo verbal ensinado na disciplina de língua portuguesa, o qual esta personagem está frequentando ou frequentou. Já na segunda, tanto o “(homem) alemão, (homem) judeu e (homem) preto” traduzem ideias preconceituosas que denigrem, pela ideia embutida no adjetivo, defeitos de caráter e de comportamento social.

Finalmente nas piadas “h” e “j” se reforça o preconceito pelas palavras “homem” turco: aquele que só quer vantagens e lucros. Na piada “j” o preconceito é realçado pelas palavras (homem) árabe, (homem) judeu, que isoladas são substantivos, mas juntas formam substantivos adjetivados que têm valor de adjetivos e, imprimem no imaginário coletivo, preconceitos ligados à sovinice e desonestidade.

Como se percebe, os substantivos homem, mulher, jovem e moça são omitidos nas piadas para dar lugar a substantivos adjetivados: o árabe, o judeu, o português, a freira, a loira, a protestante, a prostituta, que por força de uma impressão semântica de natureza humorística, acentuam o preconceito e funcionam como gatilho do riso pela simples menção já arraigada no discurso dominante e no imaginário popular.

CONCLUSÃO

Como pudemos ver, a diferenciação entre piada, anedota e chiste é bem sutil, e tomando como base os escritos de Bakhtin (1999) a diferença ocorre no conteúdo temático.

Na piada são abordados temas polêmicos com o objetivo intencional de causar o riso, na anedota se envolvem fatos cotidianos de uma pessoa ou época e, no chiste não há intenção de causar o riso, pois pode ser um lapso, ou seja, uma pessoa que diz algo que não queria ou deveria dizer, se sente envergonhado por isso.

Carmelino (2014) afirma que a emoção dentro dos textos humorísticos é incitada pelos substantivos e adjetivos, que caracterizam as palavras adjacentes no texto e amenizam o insulto feito.

Por exemplo, tomando as piadas “d” e “e”, as palavras “loira” e “burra” (ambos substantivos, embora não explícitos) isoladamente não insinuam nenhum preconceito, mas quando juntas podem ofender alguém ou algum grupo.

d) A loura está dentro de um barco que se encontra sobre um belo gramado verde. Ela tem um remo em cada mão e rema com muito esforço. É claro que o barco não sai do lugar. Outra loura vai passando e grita de longe:

- É por causa de gente que nem você que falam tão mal da inteligência das louras! O que você merece mesmo é um bom corretivo! Só não vou aí te dar um cacete porque não sei nadar!!!

i) A loira estava feliz porque tinha completado em seis meses, um jogo de armar em cuja a caixa estava escrito “de 2 a 3 anos”

Ressaltamos que, em português, qualquer palavra precedida de artigo é substantivo. Desse modo, o judeu, a loira e o português são termos substantivados que, em contextos específicos, carregam conotações pejorativas já consagradas pelo uso. São casos de paressemia, que consiste em substituir a denominação de um ser pelo nome de outra qualidade do mesmo ser.

No contexto do texto humorístico, confirmamos que tais substantivos e adjetivos (pelo menos no corpus escolhido), carregam no plano semântico, ideias preconceituosas e, assim, funcionam como gatilho para o riso. As ações narrativas, nesse caso, funcionam apenas como pano de fundo para ações já esperadas e anunciadas pelos substantivos e adjetivos.

Estas ações narrativas, trazem associações já consagradas no discurso dominante e possuem sentido depreciativo: toda loira é burra; todo português é burro, todo judeu é avaro. Nesse sentido, os termos utilizados nas piadas, chistes e anedotas são classificados, em Semântica como casos de tipossemita: uma paressemita especial que toma um indivíduo, um representante de certo povo, raça ou sociedade como representante típico de qualidade ou defeito atribuídos ao grupo todo. Dessa forma, evocam-se significados que não precisam ser nomeados e, por si, conduzem ao riso.

Várias palavras e frases, em piadas acentuam a carga preconceituosa no seio do discurso da população em geral. No que se refere a negros, por exemplo, muitas expressões são eivadas de preconceitos e reforçam e perpetuam a ideia de “submissão, preguiça e inferioridade negra”: “*Amanhã é dia de branco*”, “Serviço de preto”, “A coisa tá preta”, “Mercado negro”, “Denegrir”, “Inveja branca”. Nenhuma dessas expressões possui sentido positivo e, consolidam, no discurso dominante, ideias arraigadamente preconceituosas.

No livro *Os Dez Mitos sobre os Judeus*, Maria Luiza Tucci Carneiro (2014), relata dez formas possíveis de perpetuar um mito sobre a origem e natureza dos judeus na história da humanidade:

Mito 1: Os judeus mataram Cristo;

Mito 2: Os judeus são uma entidade secreta;

Mito 3: Os judeus dominam a economia mundial;

Mito 4: Não existem judeus pobres;

Mito 5: Os judeus são avarentos;

Mito 6: Os judeus não têm pátria;

Mito 7: Os judeus são racistas;

Mito 8: Os judeus são parasitas;

Mito 9: Os judeus controlam a mídia;

Mito 10: Os judeus manipulam os Estados Unidos.

O antropólogo Kabengele Munanga escreve no prefácio

São mitos construídos para reificar e atualizar os sentimentos de discriminação, hostilidade e ódio que remontam à noite dos tempos. O que está por trás desses mitos não é a intenção de se aproveitar deles para contar a história dos horrores ou para pedir penitência pelo ocorrido no processo de construção do judaísmo e do antissemitismo; pelo contrário. Os mitos retratados pela autora nos transportam ao coração da função política e ideológica dos mesmos”. (2014)

O preconceito se dissemina, hoje, até pelas mídias sociais, ou veículos de comunicação. Recentemente, uma grande rede de alimentação, inclui em seu cardápio comidas típicas portuguesas e fez a divulgação desses novos produtos, por meio de piadas nada elogiosas aos portugueses, como declara Diego Moura, um jornalista com experiência em comunicação corporativa, um dos autores do livro-reportagem “Não foram apenas as unhas” e autor do blog “Textos para pensar”

Bolinho de bacalhau árabe e indigesto

O Habib's, empresa de alimentação que dispensa apresentações, lançou mais uma linha de produtos típicos de Portugal, como bolinho de bacalhau, pastel de Belém e etc. A propaganda destes produtos vem sendo alvo de críticas de vários portugueses que se sentem ofendidos. Panfletos distribuídos nas lojas da empresa em todo país contêm frases do tipo: “Como se chama um homem inteligente em Portugal? Turista”, “Qual é o único português que serve para alguma coisa? O Manuel de instruções” e por aí vai. No final de tudo, lê-se o seguinte: “As piadas são uma homenagem. Afinal, o dono do Habib's também é português”.

O Instituto Brasileiro de Estudo e Defesa das Relações de Consumo afirmou que recebeu pelo menos dez denúncias de pessoas que se sentiram ofendidas pela propaganda. “Trata-se de discriminação con-

tra o consumidor”, disse o presidente, José Geraldo Tardin. Ele afirmou que entrou com representação no Conar (conselho de autorregulamentação publicitária). (2018)

O que se pode concluir é que, no plano lexical e semântico, esses termos representam fenômenos em que há sempre um ponto de contato, de semelhança (real ou não) entre dois símbolos e a imaginação do homem, para empregar um símbolo pelo outro.

Utilizados como metáforas pragmáticas, os termos judeu, português, negro e loira são evocados na linguagem diária porque, por força do uso, já traduzem atitudes e crenças preconceituosas, exploradas amplamente nos textos humorísticos.

Importa-nos enfatizar que o uso comum desses termos, quer em piadas, quer em quaisquer outros gêneros conhecidos, possuem muita força de significação, imprimem sentidos preconceituosos e permitem que perdurem no tempo.

REFERÊNCIAS

- a) ANDRADE, Anderson Moreira; PENEDO, Fernanda Pereira. A situacionalidade e a aceitabilidade como elementos orientadores para a produção e recepção de textos. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/28664/20331>>, acesso em: 15 nov. 2017.
- b) BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros de discurso. In: _____. Estética da Criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- c) BORGES, Wilson. Qual a diferença entre piada e anedota. Disponível em: <<http://enciclopediadepiadas.blogspot.com.br/2016/08/qual-diferenca-entre-piada-e-anedota.html>>, acesso em: 18 jul. 2017.
- d) BUENO, Silveira. Tratado de Semântica Brasileira, São Paulo: Saraiva, 1965.
- e) CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Dez Mitos sobre os Judeus. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- f) Dissertação: A piada: discurso sutil da exclusão; um estudo do risível no “racismo à brasileira” – Dagoberto José Fonseca, Orientadora: Profa. Dra. Josil-deth Gomes Consorte, 1994.
- g) Dissertação: Piadas, conceituação, constituição e práticas – Kassandra Muniz, Orientadora: Ingedore Kock, 2004.
- h) Dissertação: Trajetórias de carreiras de negros – Fábio dos Santos SantAnna. Orientadora: Profa. Dra. Darcy Mitiko Mori Hanashiro, 2013. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/604/1/Fabio%20dos%20Santos%20SantAnna.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- i) Dissertação: Uma Abordagem Construcional Dos Gêneros Textuais: O Caso Do Gênero Piada - Glauce Soares Fernandes. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppglinguistica/files/2009/12/FERNANDES-Glauce-Soares-2006-Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>, acesso em: 27 nov. 2017.
- j) FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.
- k) FONSECA, Dagoberto José. Você conhece aquela? [recurso eletrônico]: a piada, o riso e o racismo à brasileira. 1 ed. – São Paulo: Selo Negro, 2014. Recurso digital: il. x'
- l) LINS, Maria P. P.; Elias, Vanda m. S.; júnior, Rivaldo c. S.; Leitura e compreensão de tiras de quadrinhos: contribuições da linguística textual para o ensino

- de língua portuguesa. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais2asjornadas/anais/11%20-%20ARTIGO%20-%20MARRIA%20DA%20PENHA%20LINS%20e%20VANDA%20MARRIA%20ELIAS%20e%20RIVALDO%20CAPISTRANO%20JUNIOR%20-%20HQ%20E%20EDUCACAO.pdf>>, acesso em: 26 out. 2017.
- m) MALISKA, Maurício Eugenio; Souza, Silvana C. L. Sobre O Humor: Um Diálogo Entre Freud e Possenti. Primeiro Seminário Nacional de discurso, Cultura e Mídia, UNISUL, 2012. Monografia: Onde Está A Graça? - O humor segundo Bergson em contos de Mark Twain – Carlos L. W. Jorge, Orientadora: Prof.^a Dr.^a Liana C. Leão. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/letras-graduacao/files/2015/01/Carlos-W.-Jorge.pdf>>, acesso em: 17 nov. 2017.
- n) MARCUSCHI. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- o) MOURA, Diego. O Preconceito contra portugueses. In <https://pensamentos2010.wordpress.com/2011/07/17/especiais-o-preconceito-contra-portugueses/>, acesso em 16 ago. 2018.
- p) NATERCIA, Flávia. Fazer chiste não é fazer piada. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200004&script=sci_art-text>. Acessado em: 20 dez. 2017.
- q) PERSONA, Mario. 2000. Blog: Quero ser palestrante. Disponível em: <<http://queroserpalestrante.blogspot.com.br/2010/11/piada-ou-anedota.html>>, acesso em: 18 jul. 2017.
- r) POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas: SP, Mercado das Letras, 1998.
- s) _____. Humor, língua e discurso. São Paulo: Contexto, 2010.
- t) ROJO, Roxane. Glossário Ceale. ISBN: 978-85-8007-079-8. S/ d. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/generos-do-discurso>>, acesso em: 31 out. 2017
- u) SUELI, Carmem. Dicas de português: anedota. Disponível em: <<http://dicasdeportugues.com/anedotaspiadas>>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- v) Trabalho de Conclusão de curso: Entendendo a piada: uma análise linguística. Gabriela Cocolo de Freitas. Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari, 2011.

Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/119146/freitas_gc_tcc_arafcl.pdf?sequence=1>, acesso em: 10 de jun. 2017. TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. D.E.L.T.A, v.6, n.1, 1990, p. 55-82. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/sistema/uploads/arquivos/artigo_uma_introducao_ao_estudo%20do_humor_pela_linguistica.pdf>, acesso em: 20 out. 2017.

- w) RUIZ, Eliana M. S. D.; DIAS, Anair V. M. Gramática e Gênero de Discurso: novas perspectivas para o ensino de língua portuguesa. In: SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/1, p. 241-266, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/23280/19300>>, acesso em: 26 out. 2017.